

DEVIR MACUMBEIRO COMO PRODUÇÃO ONTOLÓGICA:

Reflexões sobre a epistemologia de terreiro no enredo “Basta!”, da Gaviões da Fiel, e no conto “O Moleque”, de Lima Barreto

Eduardo Bonine²³

Resumo

O devir macumbeiro é a nossa capacidade de ser e de estar em sociedade, enquanto sujeitos múltiplos, diversos e com alteridade. Produzimos saberes por meio de ética e estética que constantemente estão em disputa entre o Brasil-nação e a brasilidade. Este texto reúne reflexões desenvolvidas entre literatura e samba-enredo como dois potentes produtos ontológicos, epistemológicos e metodológicos da nossa sociabilidade. A partir da leitura do conto “O Moleque”, de Lima Barreto (1920), e do samba-enredo “Basta!”, da Gaviões da Fiel, de 2022, propomos analisar o lugar em que o corpo subalternizado é colocado na perspectiva hegemônica: o de demônio a ser combatido.

Palavras-chave: Epistemologia de terreiro; Samba-enredo; Fé do Brasil-nação; Rito da brasilidade.

Abstract

Devir macumbeiro is our ability to be in society, as multiple, diverse subjects with otherness. We produce knowledge through ethics and aesthetics that are constantly in dispute between Brazil and brazilianess. Here, we bring reflections developed between literature and samba-enredo as two powerful ontological, epistemological and methodological products of our sociability. From reading the story *O Moleque* (Lima Barreto) and the samba-enredo *Basta!* (Gaviões da Fiel), we propose to analyze the place in which the subalternized body is placed in the hegemonic perspective: that of a demon to be fought.

Keywords: Terreiro’s epistemology; Studies of religion; Literature and religion.

Introdução

Podemos perceber a brasilidade como um processo de (re)existência desenvolvido graças à encruzilhada, em nossa capacidade de alternar caminhos e perspectivas possibilidades para além dos limites encarceradores e compulsórios do Brasil-nação. A isso, denominamos devir macumbeiro, nossas ontologias, epistemologias e metodologias que dançam, vibram, experimentam e existem com ética e estética múltiplas e diversas. E nosso país, em sua literatura e em seu cotidiano, pavimentou uma encruzilhada complexa e sofisticada para um de seus escritores do século XX, Lima Barreto.

²³ Doutor e mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), graduado em Comunicação Social – Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Autor do livro *Embranquecimento do candomblé?* (Pluralidades, 2024). Integrante do grupo Veredas: Imaginário Religioso Brasileiro. E-mail: dubonine@gmail.com.

A ele, está atribuída a frase “se há algum anticlericalismo na minha pobre pessoa é contra as irmãs de toda a sorte que dirigem colégios de gente rica”, o que pode nos ajudar a perceber o quanto o rancor e, ao mesmo tempo, a subversão estiveram presentes em sua vida. Propomos, inclusive, repensar essas categorias e substituí-las por criticidade e transgressão.

Por ser um escritor negro sobrevivente à capital de um país padecido por 400 anos de escravidão da população preta, Lima, segundo as palavras da historiadora e uma de suas principais biógrafas Lilia Schwarcz, “refugiava-se em sua ironia e fechava-se em seu mundo (...) O dândi dos primeiros momentos, o ‘mulato elegante’, que conforme relatos da época, se vestia com primor, transformava-se aos poucos num personagem incômodo da capital federal.” (Schwarcz, 2010, p. 39-40).

Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 e morreu em 1º de novembro de 1922. Funcionário público, aposentado por invalidez, teve sua obra literária vilipendiada pela branquitude colonial na transição do fim do Império para o começo da República: nasceu em um não-lugar, morreu em outro. Fichado (e internado) em 1914 no Hospício Nacional de Alienados, foi também ignorado pelo reconhecimento de suas obras, à margem de Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha.

Autor de “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, de “Os Bruzundangas”, “Clara dos Anjos” é também o agente de sua performance social, o indivíduo que, em detrimento do não-lugar imposto pela colonialidade, exerceu seu ofício e viveu sua personalidade, “uma personalidade complexa, ambivalente, que batalha pela autonomia de sua escrita, mas se sente inadaptada e incapacitada de realizar tal propósito, por conta de sua origem social e étnica ou seu desempenho em sociedade”. (Schwarcz, 2010, p. 16).

Neste texto, pretendemos nos debruçar sobre o conto “O Moleque”, escolhido pelo autor para abrir sua segunda coletânea e último livro publicado em vida, “História e Sonhos”, em 1920. Recuperando a citação atribuída a ele, Lima entendia que seu anticlericalismo não era um ataque direto, uma bandeira em haste contra a religiosidade alheia, mas um protesto, um grito de alerta, um “Basta!” a indivíduos que fazem das brechas coloniais um suporte para a colonialidade, em detrimento da fé do Brasil-nação. O escritor já (re)elaborava os ritos da sua brasilidade.



“Basta!”²⁴ também foi o grito da escola de samba de São Paulo Gaviões da Fiel em 2022. O enredo levou para a avenida o refrão: “Essa terra é de quem tem mais/ conquistada através da dor/ as migalhas que você me oferece/ só aumentam minha força pra mostrar o meu valor”. Isso nos permite perceber que a ética e a estética reverberadas pela brasilidade de Lima ainda ecoam em nossa sociabilidade, nas nossas invertidas culturais e em nossas demandas políticas.

Entre o carnaval vivido pela protagonista de “O Moleque”, publicado em 1920, e o carnaval de 2022 da Gaviões da Fiel, mais de 100 anos se passaram e um elemento social pode ser observado na intersecção desses dois eventos: a colonialidade que coloca à sombra do Brasil-nação qualquer performance social da brasilidade.

Cotidiano da macumbaria

O conto “O Moleque”, de Lima Barreto, revela-nos o devir macumbeiro por meio do cotidiano, das disputas arruaceiras que a personagem Zeca, o tal do moleque que intitula o conto, protagoniza. Só que a sua sagacidade enquanto escritor é tamanha que, antes de revelar a personagem, Lima se preocupa em descrever outra personagem, talvez a mais urgente naquele momento da narrativa, mas uma das mais necessárias para a manutenção da macumbaria: o cotidiano.

Em sua narrativa, utiliza substantivos fundamentais para o reconhecimento da brasilidade diante da hegemonia do Brasil-nação, evidenciando um jogo de poder perpetuado pelo pensamento e pelas práticas coloniais: terra, vidas, almas, pegadas e Mistério, este em letra maiúscula,

a gravidade de pensamento que todo esse espetáculo provoca e as lembranças históricas que acodem fazem perguntar se a terra, que não tem querido guardar na sua grandeza traços das vidas e das almas que por ela têm passado, ainda desta vez, não consentirá que fiquem vestígios, pegadas, impressões das atuais que, nela, hoje sofrem e mergulham, a seu modo, no Mistério que nos cerca, para esquecê-las soturnamente. (Barreto, 2010, p. 144)

Em seu desfile em 2022, a Gaviões, aquecendo sua bateria e prestes a atravessar o Anhembi, anunciou como prólogo de seu samba que “a democracia alienada e a

²⁴ Samba-enredo da Gaviões da Fiel de 2022. Autoria de Grandão, Sukata, Jairo Roizen, Morganti, Guinê, Xérem, Claudio Gladiador, Ribeirinho, Claudinho, Meiners, Japonês da Moóca, Julhyan, Luciano Costa, Felipe Yaw, Marcelo Adnet, Fadico, Júnior Fionda e Lequinho.



ditadura disfarçada/ basta de hipocrisia/ pra cima, bateria do timão/ alô, Fiel! Solta o grito! Gaviões! Fiel”. Tanto o Mistério de Lima quanto o Basta da Fiel deixam de ser palavras textuais em meio a um enredo e adquirem potencialidades sociais. Essa invertida ética e estética de nossos saberes culturais pode ser analisada por meio do conceito de ritual do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han.

Crítico do saber cooptado pelo produtivismo neoliberal, tornando-se um dispositivo de controle e de exploração, Han denuncia que, dentre todos os processos da colonialidade e da exploração, o desaparecimento dos rituais é um dos mais encarceradores. Nós percebemos esse processo entre a fé Brasil-nação e o ritual da brasilidade, em que subalternidade está diretamente vinculada a um corpo e a toda ontologia, epistemologia e metodologia desenvolvida e compartilhada por esse corpo.

Para o Brasil-nação, interessa fazer com que a vida da brasilidade seja apenas um elemento utilitário. Segundo Han, a não ritualização da vida promove o desencanto, a desesperança e a produção de vida- útil, porque

a percepção simbólica, na condição de reconhecimento, percebe o permanente. O mundo é, desse modo, liberado de sua contingência e ganha algo permanente. O mundo hoje está muito desprovido de simbólico. Dados e informações não possuem força simbólica. Assim, não admite reconhecimento. No vazio simbólico, todas as imagens e metáforas que provocam sentido e comunidade e que estabilizam a vida têm se perdido. A experiência da duração tem diminuído. E a contingência aumenta radicalmente. (Han, 2021, p. 10)

Por meio dessa lógica da ritualização, enquanto um instrumento social de promover o mundo em um lugar confiável, por meio de seu reconhecimento, pode-se ler as primeiras páginas do conto de Lima Barreto, em que a preocupação do autor é a de descrever o ambiente e seu cotidiano:

Reclus, na sua Geografia universal, tratando do Brasil, notava a necessidade de conservarmos os nomes tupis dos lugares de uma terra. (...) Inhaúma (...) é um subúrbio de gente pobre, e o bonde que lá leva atravessa umas ruas de largura desigual, que, não se sabe por quê, ora são muito estreitas, ora muito largas, bordadas de casas e casitas sem que nelas se depare um jardinzinho mais tratado ou se lobrigue, aos fundos, uma horta mais viçosa. Há, porém, robustas e velhas mangueiras que protestam contra aquele abandono da terra. Fogem para lá, sobretudo para seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. (Barreto, 2010, p. 141-143)



Se nos atentarmos à perspectiva da ritualização, podemos destacar trechos como: “conservarmos os nomes tupis dos lugares de uma terra”, “robustas e velhas mangueiras que protestam contra aquele abandono da terra”, “aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós” e “admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais”. São os rituais, na dinâmica de sociabilidade, que oferecem trato ético e estético às coisas e às matérias enquanto produções (e permanência) humanas. Além disso, assumem o papel de reconhecimento social: “Fazem do mundo um local confiável. São no tempo o que uma habitação é no espaço. Fazem o tempo se tornar habitável. Sim, fazem-no viável como uma casa. Ordenam o tempo, mobíliam-no.” (Han, 2021, p. 11).

Tanto em “O Moleque” quanto em “Basta!”, o elemento religioso emoldura a percepção da brasilidade ao domínio do Brasil-nação, seja na negação de humanidade ou na ausência de dignidade ao corpo subalternizado, o elemento religioso pulsa nessa disputa, mas o devir macumbeiro é uma invertida transgressora, que praticamos no cotidiano, por isso, essa religiosidade, mesmo quando negada, é emergida do carnaval.

Ritualização do corpo

O que possibilita a nossa existência é a nossa capacidade de ritualizar. O ritual (Han, 2021) é o que confere à brasilidade e aos seres sociais um lugar de reconhecimento existencial e de pertencimento cotidiano. Essa construção de memória ritual tanto passa pelo corpo quanto é produzida e compartilhada por ele. Nosso corpo-memória, na manutenção de seus rituais, é o que nos destaca socialmente e, ao mesmo tempo, nos permite ser reconhecido pelos iguais e reconhecê-los.

Assim, o carnaval, enquanto uma festa social em que corpos adquirem trato ético e estético como produtores ontológicos, pode ser lido enquanto uma forma de ritualização da vida. A religiosidade também. Tanto no texto de Lima quanto no samba-enredo da Gaviões, o elemento religioso compõe o eixo sociopolítico: a denúncia é social (racismo), atravessada por um lugar político (subalternidade) e contextualizada em um lugar-religioso: as comunidades de axé.

No cotidiano do conto, Lima descreve que



nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçarias com que a teologia da política implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A Igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica no mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus transe, recebem entretanto almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria. (Barreto, 2010, p. 141-143)

No samba da Gaviões, o lugar da brasilidade e da subalternização de seus rituais é descrito como um lugar religioso, pontuado pelas retóricas potencializadas e reverberadas nas macumbarias: “Axé, meu irmão/ O pai de mais um João e de mais um Miguel/ Na mira da cega justiça/ Que enxerga o negro como réu”. Irmão e pai conferem um sujeito à ideia de Axé, enquanto “mira” e “enxerga” marcam o sentido hegemônico da visão que primeiro condena qualquer elemento de descrição, de estigma e de simbologia utilizado pelo senso-comum dominante para descrever o corpo subalternizado.

Pela perspectiva do filósofo camaronês Achille Mbembe, de um Devir Negro, o “Mistério” de Lima e o “Basta” da Gaviões são a tomada de consciência do lugar de subalternidade pelo próprio subalterno. A relação do Brasil-nação e da brasilidade se desenvolve por meio de um processo de violência, que transforma tudo o que não seja hegemônico em descartável e passível de extermínio. Para Mbembe, há um esforço ocidental de observar o outro por meio do Devir Negro: subalternizar tudo, a fim de dominar e exterminar (Mbembe, 2018).

Quando os corpos subalternizados se reconhecem nesse lugar de exclusão, eles se levantam diante desse processo de domesticação e de violência, reelaboram esse lugar, conferindo a ele seus poderes epistemológico, político, social, cultural, econômico etc. Por isso, assumimos que, entre o Brasil-nação e a brasilidade, essa invertida existencial é o devir macumbeiro, as encruzilhadas ontológicas nas quais nos tornamos sujeitos e adquirimos nossa alteridade.

Nas marcas ética e estética do conto e do samba, está justamente na ideia de Mistério e, no grito de “Basta”, o cruzo entre o ritual e o devir negro. Por isso, Lima



Barreto lança mão dos substantivos “terra”, “vida”, “alma”, “vestígio” e “pegada” para descrevê-lo, bem como os verbos “sofrer” e “mergulhar”. Os compositores da Gaviões desenvolveram o “Basta” por meio de um campo lexical contemporâneo: “lugar de fala”, “voz destemida”, “cabeça erguida por nossos direitos”, “fascismo do asfalto”, “militância por respeito”, “vidas negras nos importam” e “o grito da mulher não vai calar”.

Os corpos, nesse sentido, apropriam-se do lugar de demônios a que são conferidos para fazer desse espaço um território consciente. A existência é demarcada quando o sujeito se entende no lugar da brasilidade e reelabora o seu cotidiano por meio dos rituais da (re)existência.

Processos de (re)existência

Existir, para a colonialidade, é um privilégio restrito a poucos. Sobreviver é a malha comum a todos e a todas. Em um projeto colonial, não há urgência na construção de uma identidade, na demarcação de uma performance social, há apenas um lugar subalterno em que se precisa sobreviver à mercê do básico: roupa e comida.

Essa perspectiva de sobrevivência é descrita no conto de Lima Barreto em um diálogo do pequeno Zeca com sua mãe, Dona Felismina, quando o moleque chega à sua casa com a fantasia de demônio e a mãe, em um conflito entre o susto, a falta de tempo e o constrangimento, pergunta por que pedir algo tão supérfluo se o que precisa mesmo é de roupa e de comida, não sem antes questionar se o filho havia roubado a fantasia. Esse diálogo ajuda a compreender o lugar de subalternidade conferido ao corpo assujeitado e introjetado, também, por ele em sua não-alteridade:

Aproximou-se o Carnaval; e, quando foi sábado, véspera dele, dona Felismina retirou mais cedo dos arames a roupa branca que estivera a secar. Atarefada com esse serviço, ela não viu que o seu filho entrara-lhe pelo barracão adentro, sobraçando um embrulho guizalante (...) era uma horrível máscara de ‘diabo’.

Você roubou, meu filho?... Zeca, meu filho! Pobre, sim; mas ladrão, não! Ah! Meu Deus... Onde você arranjou isso, Zeca?

Foi seu Castro quem me deu. Eu não pedi...

Mas por que você quer isso? Antes tivesse dado a você umas camisas...

Para que essas bobagens? Isso é pra gente rica, que pode. Enfim...

Mas, mamãe, eu aceitei porque precisava.

Disto! Ninguém precisa disto! Precisa-se de roupa e comida... Isto são tolices!



Queria amanhã passar por lá e meter medo aos meninos que me vaiaram.” (Barreto, 2010, p. 151)

Lima não poupa seu texto da presença dos verbos “roubar”, “dar”, “querer”, “poder”, “aceitar” e “precisar”. Contextualiza o espaço social: “aproximou-se o Carnaval”, o espaço individual das personagens, “viu que o filho entrara-lhe pelo barracão adentro”, nem mesmo o lugar social, por meio de uma alegoria ritualística de profanação do elemento religioso, é negligenciado pelo autor: “era uma horrível máscara de diabo”.

Para perceber a perspectiva de uma (re)existência elaborada no cotidiano da brasilidade subalternizada, é preciso se concentrar na presença desses verbos, que condenam, desmantelam, descontextualizam, inviabilizam e negligenciam a experiência da personagem. Ao mesmo tempo, a contextualização do espaço social, do espaço individual e do lugar social oferece ao leitor e à leitura as pistas necessárias para compreender quem é esse subalternizado de quem Lima fala: ele mesmo.

O autor se antecipa na descrição da mãe, sem olhar diretamente para ela, mas por meio de sua atenção ao filho:

Dona Felismina morava com seu filho José, o Zeca, um pretinho de pele de veludo, macia de acariciar o olhar, com a carapinha sempre aparada pelos cuidados da mão da mãe e também com as roupas sempre limpas, graças também aos cuidados dela. Tinha todos os traços de sua raça, os bons e os maus; e muita doçura e tristeza vaga nos pequenos olhos que quase ficavam no mesmo plano da testa estreita. (Barreto, 2010, p. 146)

Dessa forma, ao descrever a aparência do moleque, constrói-se a presença de uma mãe e sua percepção social, tanto em relação a ela quanto em relação a seu filho: carapinha aparada, cuidados da mão da mãe, roupas sempre limpas, cuidados dela. Podemos nos perguntar se o que percebemos é um cuidado genuíno dela ou sua percepção de ocupar um estado constante de alerta e vigia por se reconhecer enquanto um sujeito subalternizado.

Lima responde a esse questionamento quando revela em seu texto: “tinha todos os traços de sua raça, os bons e os maus” e “doçura e tristeza vaga nos pequenos olhos que quase ficavam no mesmo plano da testa estreita”.



Esse lugar social elaborado na (re)existência pode ser percebido no sambanredo de 2022 da Gaviões da Fiel, nos versos: “Sou eu o clamor da favela/ O canto da aldeia, a fome do gueto/ Meu punho é luz de Mandela/ No samba, o levante do novo Soweto/ Cacique Raoni da minha gente/ Guerreiro gavião, presente/ Essa terra é de quem tem mais/ Conquistada através da dor/ As migalhas que você me oferece/ Só aumentam minha força pra mostrar o meu valor.”

Em “Basta!”, a brasilidade é contextualizada enquanto o clamor da favela, o canto da aldeia e a fome do gueto, um espaço social em que se reverbera a ontologia do devir macumbeiro. O espaço individual (os sujeitos dessa macumbaria) está nos versos que evidenciam o levante do novo Soweto, o Cacique Raoni e a própria Gaviões, enquanto uma guerreira presente. Porque, em uma terra que é de quem tem mais, que foi conquistada com a dor do subalternizado e na oferta de migalhas, os processos de (re)existência são transgressores e comuns ao indivíduo e à sociedade.

Por isso, a Gaviões canta que “só aumentam minha força pra mostrar o meu valor”. Em um contexto de subalternidade, a brasilidade toma consciência desse seu lugar, apropria-se dele, e faz do carnaval um manifesto de sua identidade, que não está a serviço do poder hegemônico, mas a seu processo de sujeitificação e de alteridade garantidos pelo devir macumbeiro.

Conclusão

Interessante perceber que 100 anos separam a obra de Lima Barreto do sambanredo da Gaviões da Fiel, são dez décadas em que a colonialidade não permitiu a ética e a estética legítimas de uma performance social do sujeito subalternizado, em que, por meio do cotidiano, precisou-se promover processos de (re)existência para sair da sobrevida colonial e constituir uma existência social.

São 100 anos de aplicação de um projeto de extermínio, que passa pela negligência, pela exclusão e pelo assassinato. O “Mistério”, de Lima, e o “Basta”, da Gaviões, são categorias que se cruzam pela perspectiva de rituais de Chul-Han, o que representam a potência de uma epistemologia das ruas no Devir Negro de Mbembe.

É nas ruas em que se elaboram os corpos subalternizados: por isso, defendemos que o devir macumbeiro são possibilidades encruzilhadas que nos mantêm vivos mesmo



quando mortos, que nos fazem reverberar em sociedade como seres vivos e sobreviventes, produzindo saberes, memórias e convivência.

Ao gritar “Basta!” no carnaval de 2022, em meio ao governo federal fascista de Jair Bolsonaro, a Gaviões aplicou o “Mistério” de Lima Barreto, percebido no desejo brincante do Moleque: “queria amanhã passar por lá e meter medo aos meninos que me vaiaram”. Se a brasilidade for encarcerada no lugar da subalternidade, que seus rituais (re)elaborem seus sentidos e ocupem todos os espaços metendo medo no Brasil-nação.

Referências bibliográficas

BARRETO, L. **Contos Completos**. Organização e introdução: Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BONINE, E. Encruzilhadas epistemológicas na Ciência da Religião: uma reflexão sobre as categorias analíticas de “teologia” e “cosmopercepção” para a construção da disciplina. **Revista Identidade**, v. 26, nov. 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1204>. Acesso em: 14 abr. 2024.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**. Uma topologia do presente. Petrópolis/RJ: Vozes, 2021.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.